

A DIMENSÃO SOCIOCULTURAL DO PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO TURÍSTICA EM TIBAU DO SUL/RN

Salete Gonçalves¹

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Natal - Rio Grande do Norte - Brasil

RESUMO: Este artigo é parte de uma pesquisa de mestrado e tem como objetivo analisar de que forma o processo de reterritorialização desencadeado pelo turismo se manifesta na dimensão sociocultural do município de Tibau do Sul/RN. Para tanto foi realizado um estudo exploratório e qualitativo, através de levantamento de dados secundários e primários, realização de entrevistas com as lideranças do poder público, privado, terceiro setor e comunidade local. Nesse sentido, constatou-se que o processo de (des)(re)territorialização, perpassa por contradições resultantes dos conflitos de poder existentes na localidade, trazendo implicações políticas, econômicas e socioculturais, precisamente na relação entre nativos e migrantes, influenciando nas tradições, gastronomia, linguagem e vivências de lazer.

Palavras-chave: (Des) (Re)Territorialização. Turismo. Lazer. Dimensão sociocultural.

THE SOCIOCULTURAL DIMENSION OF TOURISTIC TERRITORIALIZATION PROCESS IN TIBAU DO SUL/RN

ABSTRACT: This paper is part of a Master Degree thesis and aims to analyze in what way the reterritorialization process unleashed by tourism manifests in sociocultural dimension of the Tibau do Sul country in Rio Grande do Norte State, Brazil. Therefore, it has been accomplished an exploratory and qualitative study, through secondary and primary data collecting, interviews with the government authorities, private, third sector leaderships and local community. In this sense, it has been established that the (des) (re) territorialization process, passes by contradictions resulting of power conflicts in the locality, bringing political, economic and sociocultural implications, precisely in the relation between natives and immigrants, influencing the traditions, gastronomy, language and leisure experience.

Keywords: (Des) (Re) Territorialization. Tourism. Leisure. Sociocultural dimension.

LA DIMENSIÓN SOCIOCULTURAL DEL TURISMO EN EL PROCESO DE TERRITORIALIZACIÓN EN TIBAU DEL SUL/RN

RESUMEN: Este artículo es parte de una investigación de Maestría y objetiva analizar cómo se manifiesta el proceso de reterritorialización provocado por el turismo en la dimensión sociocultural del municipio de Tibau do Sul en Brasil. Para esto, se llevó a cabo un estudio cualitativo y exploratorio a través de la encuesta de los datos secundarios y primarios, entrevistas con los líderes del poder público, del sector privado, el tercer sector y de la comunidad local. En este sentido, se ha descubierto que el proceso de (des) (re) territorialización,

¹ Mestre em Turismo/UFRN. Docente do Departamento de Turismo/UERN.

va más allá de las contradicciones que surgen de los conflictos de poder en la ciudad, trayendo implicaciones políticas, económicas y socioculturales, específicamente en la relación entre nativos y migrantes, influyendo en las tradiciones, en la gastronomía, en el lenguaje local y en las prácticas de ocio.

Palabras-clave: (Des (Re) Territorialización. Turismo. Ocio. Dimensión sociocultural.

Introdução

O turismo, na contemporaneidade, é um dos setores líderes no comércio internacional de serviços e um dos itens de exportação de muitos países (WTO, 2004). Cada vez mais, nações e regiões voltam-se para esse fenômeno reconhecendo seu potencial enquanto dinamizador de vários outros segmentos econômicos (RITCHIE e CROUCH, 2000). É evidente a difusão dessa atividade com a proliferação de novos destinos turísticos, inclusive em várias localidades periféricas que, em função dessa atividade, passam a se articular e conectar à economia globalizada.

Geralmente, na medida em que o turismo se sobrepõe às atividades econômicas pré-existentes desencadeia processos de desterritorialização e, conseqüentemente, a emergência de novas territorialidades com a entrada em cena de atores exógenos ao lugar turístico. A desterritorialização se materializa espacialmente através da segregação socioespacial, mas não se resume nisso, implica também na imposição de uma nova cultura e valores (gastronomia, linguagem, vestimentas, estilo de vida, lazeres e transgressões) e em novos conflitos decorrentes da disputa de poder no âmbito das relações políticas.

Nesse contexto, a territorialização desencadeada pela refuncionalização turística (dimensão econômica) implica também na imposição de novos padrões socioculturais (dimensão sociocultural) e na redefinição de poder político local (dimensão política) (HAESBAERT, 2004), alterando a forma-conteúdo do espaço (SANTOS, 1999). Ou seja, a reterritorialização decorrente da turistificação dos lugares implica na apropriação do espaço em que novos agentes se sobrepõem aos anteriores, introduzindo um novo *modus vivendis*, entre eles as vivências de lazer. Destaca-se que o lazer é compreendido “como uma necessidade humana e dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo e espaço social” (GOMES e ELIZALDE, 2012, p.82).

Dentre as várias localidades turísticas onde tais processos se manifestam, temos Tibau do Sul, localizado na porção sul do litoral oriental potiguar. Nesse município, a atividade pesqueira e agricultura familiar foram as principais fontes de renda da população até 1970, quando a partir desse período surge, espontaneamente, os primeiros grupos de visitantes na praia da Pipa, situada a 7 km da sede municipal (TIBAU DO SUL, 2007), gerando, por sua vez, a constituição de novas territorialidades.

São diversas as implicações envolvidas na apropriação das localidades turísticas pelos agentes exógenos, porém, esse artigo analisa de que forma o processo de

reterritorialização desencadeado pelo turismo se manifesta na dimensão sociocultural do município de Tibau do Sul/RN. Ressalta-se que esse estudo, é um recorte da dissertação de Mestrado da presente autora, defendido em 2010, no Programa de Pós-Graduação em Turismo pela Universidade Federal do Rio do Grande do Norte.

Trata-se de um estudo com enfoque qualitativo, que adotou a observação e a entrevista como estratégias de pesquisa. A partir da observação *in lócus* foram selecionados intencionalmente uma amostra de dezessete representantes do poder público (Estado); representantes do setor empresarial (mercado) e representantes da população local (residente), uma vez que constituem os principais agentes produtores espaço turístico do referido município. As entrevistas foram gravadas e seus dados foram analisados através da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977).

Os agentes atuantes no processo de territorialização turística

Os territórios turísticos são “territórios inventados e produzidos pelos turistas, mais ou menos retomados pelos operadores turísticos e pelos planejadores” (KNAFOU, 1999, p.73), ou seja, aqueles que foram apropriados pelos turistas e sofrem com a especulação imobiliária e ação dos agentes hegemônicos. Além desses agentes, Coriolano (2006), Cruz (2000) e Fonseca (2005) apontam que a população local também se constitui em um agente que pode ter atuação ativa no modelo turístico pensado para a localidade. As comunidades ora atuam enquanto residentes do território ora como trabalhadores do turismo, vivenciando momentos conflituosos, assumindo diversos papéis.

Nos territórios turísticos são observadas múltiplas territorialidades, desde aquelas formadas pelos agentes hegemônicos, passando pela comunidade local e turistas. Admite-se que a “expressão territorialidade pode ser encarada tanto como o que se encontra no território e está sujeito à gestão do mesmo, como, ao mesmo tempo, ao processo subjetivo de conscientização da população de fazer parte de um território, de integrar ao território” (ANDRADE, 1996, p.214). Nesse contexto, ressalta-se a forma de atuação de três importantes agentes na produção do território turístico: o mercado, o Estado e os residentes.

O mercado é um agente hegemônico no processo de territorialização turística. Tecnicamente é conhecido pela denominação de *trade turístico*, constituído pelos meios de hospedagem, agências de viagens, restaurantes e demais equipamentos que oferecem serviços para os turistas. No turismo o agente privado assume um papel central na operacionalização da atividade. Por outro lado, tem contribuído para a transformação do espaço em mercadoria a ser produzida e vendida, e, por conseguinte conforme Carlos (1996) em uma apropriação fragmentada do espaço.

Já o Estado, desempenha um papel considerável no ordenamento do espaço, inclusive nos destinos turísticos, assumindo um papel ímpar para sua estruturação e planejamento. Cabe ressaltar que esta instância de poder não pode se apresentar

apenas como agente legitimador e reproduzidor das forças do mercado, mas como instituição que reflete o interesse dos setores majoritários da sociedade (HALL, 1999).

O poder público não é o único agente influenciador na escolha do destino, mas existem outros poderes denominados periféricos e moleculares, além-Estado, que atuam em patamares variados e diferentes da rede social, nos quais os micropoderes existem integrados ou não ao Estado (FOUCAULT, 1997).

Os estudos recentes da geografia se remetem a comunidade enquanto agentes produtores do espaço (CRUZ, 2007; FONSECA, 2005, FRATUCCI, 2008 e CORIOLANO, 2006), sendo ativos ou passivos mediante o advento do turismo no território. Moradores nativos e provenientes de outros estados brasileiros e do exterior, quer sejam proprietários de equipamentos turísticos ou estejam envolvidos (in)diretamente com esse fenômeno influenciam no processo de turistificação.

A comunidade não deve perder sua própria identidade, sua unicidade. A cultura não deve ser comercializada, pois “o que de verdade dá sentido a um lugar é o conjunto dos significados, os símbolos que a cultura local imprime nele e é isso que leva o outro, forasteiro, a sentir, partindo de seus valores, o lugar ao qual se visita” (MARTINS, 2003, p.69). É essa individualidade que o torna diferencial em meio ao global. A particularidade de cada povo contribui para a atração de visitantes.

O residente vive no território turistificado, esse é o seu cotidiano, sofre os efeitos desejáveis e não desejáveis do turismo e assume territorialidades distintas: enquanto residente que não tem nenhum vínculo direto com a atividade; e como trabalhador, mantendo relações mercantis. O turismo pode gerar conflitos internos, entre os grupos sociais locais, entre os agentes de mercado externos e com os visitantes. Destaca-se que a comunidade tem a capacidade de se organizar e resistir à lógica vigente, assumindo ações de contraracionalidades (SANTOS, 1999) e micropoderes (FOUCAULT, 2007).

A territorialização turística em Tibau do Sul/RN

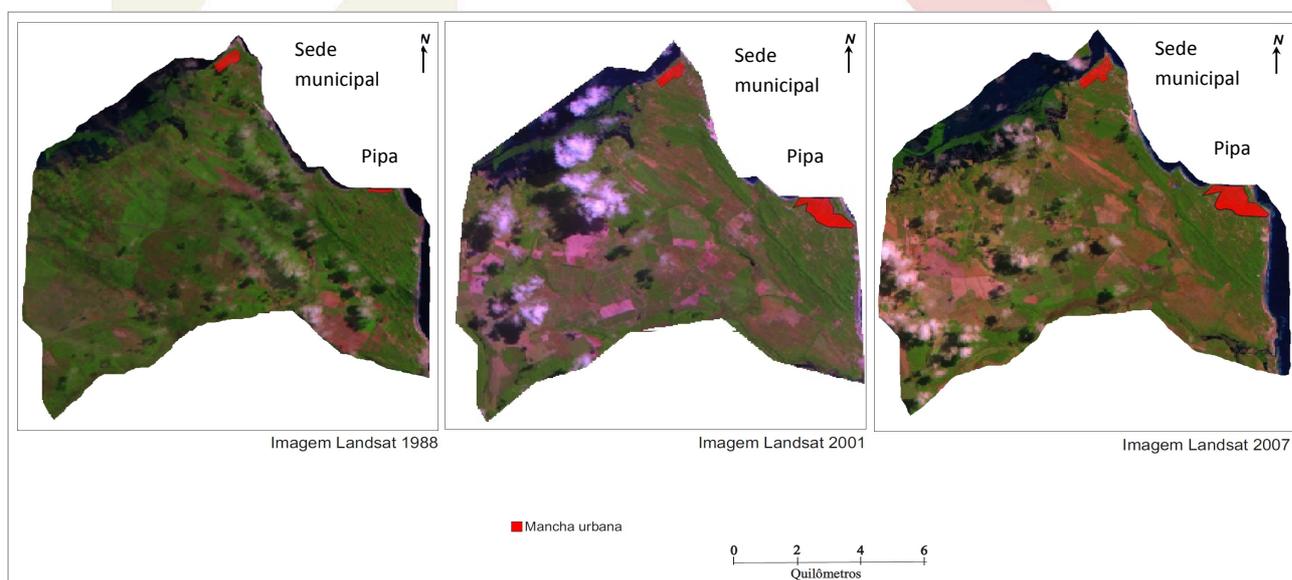
Por estar situada em área litorânea, a destinação Tibau do Sul tem como segmento turístico predominante o sol & mar, destacando suas belezas paisagísticas naturais. Com o advento do século XXI, novos nichos de mercado vêm sendo explorados, dentre eles o turismo de charme e o turismo de aventura. É um destino que possui uma adequada infraestrutura turística, contando com uma diversidade de meios de hospedagem e equipamentos de alimentos e bebidas.

Paralelamente à expansão do turismo local, verifica-se significativo crescimento populacional, decorrente dentre outros fatores, ao aumento do fluxo migratório desencadeado pela referida atividade. Analisando os dados censitários do IBGE, em 1991, o município abrangia uma população constituída por 5964 habitantes e, em 2010, esse contingente aumenta para 11.385, apresentando um crescimento de 90,89% no

período de 20 anos. Na última década (2000 - 2010), quando os fluxos turísticos ganham dimensão internacional, verifica-se um crescimento de aproximadamente 47% da população municipal, destacando-se a superação da população urbana frente à população rural.

O aumento da população está atrelado à vinda de migrantes para o município. Estima-se que 1/3 da população do município reside em Pipa e que desses, 80% são migrantes, conforme informações obtidas na Prefeitura Municipal. Nas imagens da Figura 1, observa-se o significativo crescimento da malha urbana da Praia de Pipa comparativamente à sede do município de Tibau do Sul, expressando, a relevância que o turismo assume nessa localidade.

Figura 1: Expansão da área urbana da Praia de Pipa e da sede municipal de Tibau do Sul



Fonte: INPE, 2010

Elaboração: Rosana Silva de França.

O agente turisticador primário dessa localidade foi o turista, especificamente os surfistas, no decorrer da década de setenta do século XX, quando se verificava uma integração entre visitante e o residente, marcado por relações não-mercantis, nas quais os aventureiros se hospedavam nas casas dos pescadores e a área era totalmente territorializada pelos moradores locais. Porém, ao longo das últimas quatro décadas, a atividade turística se desenvolveu no município atraindo investidores e turistas estrangeiros, procedentes de vários países europeus.

Dessa forma, Pipa, principal zona turística do município de Tibau do Sul, transformou-se de praia frequentada por mochileiros nos anos setenta, numa destinação internacional no início do século XXI, caracterizada por certa sofisticação, manifestada, por exemplo, em sua gastronomia. O turismo vai se expandindo e outras áreas

municipais também vão sendo refuncionalizadas e reterritorializadas, assumindo novos sentidos e significados para a população local.

A dimensão sociocultural do processo de territorialização

O processo de territorialização pelo turismo em Tibau do Sul é provocador da criação de territorialidades, que se refletem no âmbito econômico através da substituição da pesca e agricultura por novos ofícios ligados a atividade turística – como hoteleiros, bugueiros, garçons, vendedores de coco e condutores de grupo, dentre outros. Esse processo também gera mudanças no espaço, através do deslocamento da população tradicional para zonas mais periféricas, bem como através da chegada de migrantes para a localidade. Além disso, as transformações ainda se materializam com a inserção de novas práticas socioculturais, quer seja na linguagem como nos lazeres e na culinária, e, no âmbito político, pelo conflito de interesses entre o poder político local e o poder do empresariado atuante no turismo local.

A territorialização implica também mudanças de valores, de comportamentos, no contato da cultura do outro (HASBAERT, 2004). No caso do turismo essas mudanças surgem pelo fluxo contínuo de turistas no destino e pelos novos residentes do local. Segundo Panosso Netto e Lohmann (2008), os impactos sociais emergem na relação entre os visitantes e os visitados. Já no âmbito cultural essas transformações são influenciadas pelos costumes e necessidades dos turistas, porém ressalta-se que essas consequências também são trazidas pelos novos moradores – que atraídos pela paisagem, lucratividade e/ou qualidade de vida, acabaram elegendo o próprio destino para se fixar, logo exercendo também mudanças.

Durante décadas, Tibau do Sul e precisamente Pipa, ficou isolada. O acesso era difícil, não havia transporte, as pessoas andavam a pé para Goianinha, Piau, Tibau, Barra de Cunhaú, Baía Formosa, Canguaretama e Pedro Velho (COSTA, 2002). Posteriormente, vieram os turistas tanto nacionais quanto estrangeiros com outra cultura, novos costumes e formas de produzir e consumir o espaço, formando a partir daí um novo território, através do processo de desterritorialização e reterritorialização, reinventando a cultura local e o estilo de vida, conforme Hasbaert (1997, p.157) “É como se no espaço cotidiano, vivido, a sobrevivência sugerisse e/ou impusesse outras formas de ordenação de vida social e do território”.

Nesse sentido, a maioria dos entrevistados afirmou que as transformações no destino não se devem exclusivamente ao turismo, mas fizeram menção ao progresso e à globalização. Atribuem à televisão e à internet a responsabilidade pelo novo *modus vivendis* da população, ao passo em que também reconhecem que o aumento do fluxo de visitantes facilitou o acesso a esses recursos comunicacionais.

No tocante à relação entre os residentes nativos e os procedentes de outros locais observou-se que os nativos mantêm uma relação de hospitalidade com os migrantes,

porém o vínculo é preponderantemente pelo lado econômico, numa relação de empregado – empregador. Frente a esse relacionamento comercial, começa-se a perceber certo receio dos nativos no trato com os investidores, devido principalmente a intensa especulação imobiliária pela qual o município vem passando.

Embora não exista uma relação de hostilidade explícita, é perceptível a separação entre ser local e ser de fora. O entrevistado E3, migrante, reconhece que existe uma cordialidade entre os migrantes e os residentes, mas sem desenvolvimento de vínculos de amizade. Corroborando com essa percepção, E4 também acredita que não existem grandes conflitos entre esses atores e defende que essa separação e diferenciação são importantes porque representa o orgulho e o sentimento de valorização em ser nativo.

Porém, na prática observa-se a desvalorização da cultura local pelos próprios nativos e pelos agentes exógenos. E3 – migrante, empresário e presidente de uma ONG que atende aos interesses da comunidade – considera os nativos como sujeitos sem expressão social e política. Na mesma linha, de desvalorização e desrespeito ao local, E5 (representante do setor público e privado) atribui o descompromisso e a indisciplina do nativo no exercício profissional à questões socioeconômicas e culturais. Embora esse entrevistado defenda o princípio da tolerância às diferenças, o seu discurso é permeado de um sentimento de superioridade ao nativo e ao nordestino. Compara pejorativamente o comportamento de não submissão do funcionário à gritos do empregador como sendo decorrentes da preguiça e da não civilidade indígena, apresentando em seu posicionamento uma visão mais preconceituosa do que antropológica.

Nessa mesma perspectiva, E2 concebe os imigrantes como novos colonizadores do Brasil, que além de ocuparem o território, desrespeitam o ritmo, estilo de vida e as vocações do morador local. O migrante e seus empreendimentos turísticos, na perspectiva desse entrevistado, desrespeitam as vocações locais ao quererem que pescadores, agricultores e artesãos abandonem essas atividades para trabalharem, por exemplo, em pousadas e restaurantes e na construção civil.

Esse cenário remete a um processo de neocolonialismo, conforme discutido por Krippendorf (2001), em que os migrantes impõem seus valores, sua cultura, seu modo de produção sobre os nativos. Essa visão identifica que o *outsider* concebe o *insider* como um ser inferior, com baixo grau de educação e pouca cultura, corroborando com a estigmatização dos nordestinos e o desrespeito à alteridade.

A subestimação da capacidade dos nativos, na visão dos migrantes, vai além da qualificação profissional. Discursos revelam que os migrantes entendem o nativo como alguém de inferioridade cultural e sem capacidade de gestão e de compreensão da estética – distinção entre o belo e o feio. Acreditam ainda que a resistência de alguns nativos aos empreendedores migrantes é derivada da inveja.

Esses pontos de vista elucidam uma questão preocupante, tornando urgente refletir sobre os efeitos dessas concepções no processo de (des) territorialização. É preciso alertar, tal como defendido por Dias e Aguiar (2002, p.129) que “qualquer

sociedade apresenta subsídios de cultura material e não-material, físicos e tecnológicos, modos de usar os objetos, conforme seus valores, normas, sanções, símbolos, idiomas e a tecnologia” que devem ser respeitados pelos migrantes, principalmente ao considerar o caso de Pipa, um território caracterizado por atividades de pesca e agricultura, e que vem sendo nos últimos anos redefinida pelo turismo e pelos migrantes que inclusive influenciaram um novo modo de vida da população.

Faz importante notar que essa ocupação para os entrevistados também promoveu efeitos positivos. A partir da intensificação da atividade turística, aumento da mobilidade social, houve melhoria nos meios de transporte, na comunicação e no acesso a bens de consumo, criando-se novos desejos e reconfigurando-se o padrão de vida da população local. No entanto, mesmo que os entrevistados atestem que o turismo contribuiu para a melhoria na qualidade de vida da população residente, não se pode deixar de considerar as fragilidades provocadas, tais como: problemas com o tráfego de veículos, aumento no consumo de drogas e insegurança.

Ao considerar que a qualidade de vida como resultado não apenas das satisfações econômicas, mas, sobretudo humanas no que toca principalmente as relações harmônicas e responsáveis entre as pessoas, as instituições e o ambiente (BONALUME, 2002), geram-se algumas dúvidas no tocante a essas melhorias. Existe em Pipa um grande contraste social que reflete na espacialidade, grandes construções turísticas contrapondo-se as residências dos nativos; bem como no usufruto do lazer.

[O turismo] Melhorou [as condições de vida] em termos de... financeiros, agora de lazer não. É... as pessoas num tem mais respeito pelos nativos, quem vem, né, num respeita, [...] vem gente bom e gente ruim, né, aí muita gente diz assim, ah na Pipa aconteceu isso porque roubou, antigamente não existia isso. Agente dormia com as portas abertas e agora até com as portas fechadas, eles roubam. É gente que vem, é a evolução, é o progresso, que tá ocorrendo isso. Então agente reclama de um lado, mas também, tem uma benfeitoria de outro. (E7).

Diante desse fragmento será que do ponto de vista humano, como proposto por Bonalume (2002), houve promoção da qualidade de vida da comunidade? Conforme retratou E7, nativo de Tibau do Sul, o turismo é contraditório e na ausência de um planejamento acaba por priorizar os efeitos indesejáveis em contraponto aos desejáveis.

Destaca-se que a segregação socioespacial é observada nos ambientes de lazer, e em Pipa apresenta-se muito bem definida: de um lado, têm-se as falésias e seus passeios de barcos, a boate, as barracas reestruturadas e adaptadas para o turismo; do outro lado, tem-se a praça, quadra poliesportiva e a praia.

O espaço de lazer lembrado por unanimidade dos entrevistados foi a praia, por se tratar de um espaço público e por se tratar de um município litorâneo, além disso, é de fácil acesso e gratuito. Além da praia foram citados com mais frequência a praça, a

quadra poliesportiva, campo de futebol, a boate – apesar de ser um espaço privado – e a rua principal, com seus diversos bares, restaurantes e música ao ar livre.

Quando eu falo que a praia é o lazer, é porque todo o brasileiro que mora em beira de praia é o único lazer que tem. Nós não temos uma praça adequada pra lazer. Nós não temos nenhum espaço. Nada. [...] As pessoas vêm pra beira da praia pra tomar um banho, conversar e beber no final de semana, e às vezes na semana também. Não tem. O governo, ele não, não se preocupa em dar uma qualidade de vida melhor para os nossos, pra nossos nativos na verdade, porque nós temos bares aqui, clubes, como o *beach* clube aí, mas é só pra elite, pras pessoas que tem dinheiro, mas o nosso povo que é mais importante, ele não tá sendo visto, então ele não tem qualidade de nada pra lazer. (E6).

Dessa forma, sobre os espaços públicos foi colocado o problema da falta de qualidade, manutenção e animação dos espaços existentes. “Esse é o grande calo da questão é preciso ser melhor mantido e administrado, aberto ao público sim, é porque as pessoas não usam e quando usam, usam de forma desordenada, até porque não tem um controle do poder público” (E2). As quadras estão abandonadas, existe muita burocracia para a utilização desse equipamento específico do lazer, a estrutura é reproduzida, sem pensar nas particularidades do lugar. Tornando-se assim um espaço mal utilizado, os termos utilizados por E10 foram “ginásio de esportes mal pra caramba” e “campo de futebol horrível”, conforme figura 2.

Figura 2: Complexo Esportivo de Pipa



Fonte: GONÇALVES, 2010.

Foi levantado ainda que apesar de haver poucas opções de lazer, o mesmo ainda é segmentado: “eu acho que falta muito lazer, tanto pros velhos, idosos não tem, você vê aquela pracinha ali e não tem, um lugar desse é feito só pro turista, tudo é pro turismo, é pousada, é restaurante, mas a comunidade é esquecida” (E12).

Também foi diagnosticada a falta de espaços culturais, para E13: “Não existe teatro, não existe cinema, não existe espaço cultural, tem a praça onde tem um trabalho belíssimo lá de leitura na praça que é focado pras crianças”.

Merece destaque ainda, fala de E5 sobre as opções de lazer da Pipa, do município de Tibau do Sul:

Pipa hoje, Tibau conta com diversos espaços de lazer, né, que é rapel, tirolesa, *sand board*, *banana boat*, *kite surf*, tem o caiaque, parapente, existem diversas atividades, opções de lazer, principalmente diurnas, tem arvorismo, então tem várias atividades, que o nativo não frequenta por questões econômicas, né, mas o turista consome. (E5).

A mesma identifica espaços de lazer que a maioria dos nativos não tem acesso, pelos custos elevados. Criando assim, novos desejos aos nativos. Atualmente, a prática de esportes de aventura tem sido um novo nicho de mercado, inclusive existe uma agência especializada nessa modalidade. Esse tipo de atividade acaba contribuindo para a exclusão social, elegendo partes do território para a sua prática e contribuindo para a privatização de trechos da Pipa.

A segregação socioespacial também é forte e foi apontado pelos pesquisados que os locais comuns para os residentes e os turistas são a praça e a praia principal, pois existem diversos trechos do distrito de Pipa que são privatizados. No tocante a praia, com ênfase na praia dos Afogados ou mais conhecida como Praia do Amor, os preços dos produtos são supervalorizados restringindo a determinados frequentadores, além disso, foi citado por E12 que o Chapadão era um lugar que a comunidade frequentava para desfrutar de momentos de ócio, mas que atualmente foi apropriado para o turismo e que a população não tem mais acesso. Além disso, segundo E9 existem denúncias sobre o uso indevido dessa área e que embora o Patrimônio da União faça vistoria, muitos empreendimentos já estão “enraizados lá que fica difícil agente... que... aja uma outra mudança principalmente pelo o turismo que também precisa que exista isso, né, então fica aquela coisa assim... que agente num sabe bem como lidar, mas é meio complicado... (risos)”. (E9).

No tocante a praça, que antes era o lugar do encontro dos nativos, com o reterritorialização pelo turismo passou a ser frequentada também pelos visitantes.

O único espaço que eu acho que eles ainda frequentam e que ainda mistura, que mistura todo mundo é a praça, apesar de terem feito uma reforma, tinha uma televisãozinha na praça antigamente podiam até ter deixado essa televisãozinha lá, eu acho que botaram um telão lá que até é melhor que a televisão, mas não tá passando nada lá, em pleno verão, até pra dar toque pro turista, o lance do lixo, era um veículo muito bom, mas tá parado. (E12)

A mesma foi reformada, sofrendo diversas modificações estruturais, substituição da televisão pelo telão, nova vegetação – árvores não nativas descaracterizando o lugar, novos objetos – imagem do pescador e bancos de cimento.

Segundo E8, E7, E10 e E6 não existem áreas de lazer comum para os turistas e os nativos, conforme retrata E8: “não tem área de lazer para eles e para nós da comunidade. Nesse aspecto aí, a comunidade acaba ficando para trás”. Reforçando a separação entre os *insiders* e os *outsiders*. A falta de gestão dos espaços de lazer, na opinião de E3 é fruto da má gestão do município: “Então há uma deficiência estrutural de todo os serviços públicos prestados aqui pela municipalidade, que compromete a qualidade do lazer e dos equipamentos existentes”. Esse aspecto converge com as discussões propostas por Marcellino (1996) e Pinto (2003), sobre a importância do poder público nas ações voltadas ao campo do lazer.

Observou-se assim, que com o avanço do turismo houve o fortalecimento de novos agentes e enfraquecimentos de atores locais, e que essas transformações podem ser observadas no território, bem como nas novas territorialidades.

Todas essas mudanças refletem a diversidade cultural de Pipa, uma vez que existem estrangeiros, sulistas, paulistas, nordestinos e *hippies*, que acaba tornando-se uma aldeia global, modificando o contexto local:

Ah... a importância é que mudou praticamente tudo, desde a música, a dança, a vestimenta, a crença, de tudo, muda tudo, tudo, tudo. Eu acho que influencia, e hoje você vê locais, como eles falam nativos, que você não sabe se ele é brasileiro, se ele é estrangeiro, se ele é... pelo estereótipo, porque eles convivem, tem oportunidade de ir pra fora, voltar e de ter tudo, desde roupa a artigos[...] (E4)

Dessa forma a aproximação a diferentes etnias, resultado do processo de turistificação, inserem as identidades numa dinâmica cultural fluida e móvel. A diversidade cultural que o mundo apresenta, as múltiplas e flutuantes identidades em processo contínuo de construção, a defesa do fragmentário, das parcialidades e das diferenças, trouxeram uma volatilidade das identidades. Porquanto, no mundo pós-moderno as pessoas têm buscado traços que os identifiquem e não uma identidade única (HALL, 2005).

Destarte, a cultura local é influenciada pela globalização. Os indivíduos com o auxílio dos meios de comunicação em massa, televisão, rádio e a *internet*, selecionam marcas identitárias a partir do que se é e do que se quer ser, com novas linguagens, vestimentas e comportamentos. Todavia, diante da diversidade mundial e o processo de globalização, ainda é possível a identificação de algumas manifestações típicas que diferenciam determinada cultura de outra. Tradições passadas de geração a geração e patrimônios materiais e imateriais conservados tornam-se exemplos da identidade cultural preservada.

Sobre isso, Marinho (2002, p. 12) enaltece que Pipa é detentora de uma memória popular ainda desconhecida. Diante desse desconhecimento revela a emergência de realizar um levantamento da história e estórias dos seus antepassados para uma melhor percepção, conhecimento, divulgação e defesa dos vestígios de reminiscências “que se alternam pela cosmovisão natural do espaço-tempo ou por outras novas culturas, que vão sendo corporificadas à cultura pipiana”.

Apesar do rico patrimônio cultural, o turismo acabou promovendo o enfraquecimento e esquecimento da cultura local. E2 relata que hoje em Pipa não se tem mais as festas folclóricas, danças e músicas de outrora. Esse entrevistado analisa que as trocas culturais entre nativos e migrantes foram assimétricas, conforme expressa: “eu acho que agente assimilou mais o que veio de fora do que o quê os que vieram de fora assimilaram da nossa cultura”. Em entendimento similar, E7 afirma que há uma tendência de supervalorização da cultura de outros lugares e países.

Esses relatos revelam que a população de Tibau do Sul sofreu influências em sua cultura, num processo de desterritorialização cultural, em que novos estilos foram se sobrepondo aos nativos. Ao perder algumas de suas representações e expressões culturais, perdem também os referenciais que permitem sua identificação com a cidade em que vivem, e conseqüentemente contribuem para que os *outsiders* qualifiquem de forma pejorativa o próprio município.

Além dessa desvalorização da comunidade, diagnosticou-se que o campo cultural não é uma prioridade para o poder público. São escassas as medidas de incentivo e apoio à conservação de manifestações culturais, como por exemplo, grupos artísticos e de dança, capoeira, teatro ou artesanato local. Por outro lado, não foi perceptível também interesse desses grupos em se articularem e buscarem parcerias para a manutenção de suas atividades. A Associação dos Artesãos, por exemplo, encontra-se desativada.

Como decorrência, não foi identificado nenhum elemento característico que represente o artesanato local; existem muitos *hippies* que vendem de modo informal, acessórios e artefatos rústicos; e as lojas, em sua maioria, vendem produtos standardizados e homogêneos de todo o território nacional (CRUZ, 2000). A homogeneização também pode ser observada no estilo musical, resultado da massificação dos gostos e dos modismos. Os ritmos predominantes são o *reggae* e o *techno*, generalizando, atribui-se a influência dos surfistas e estrangeiros, respectivamente, dando um novo formato para as festividades locais, que assumem características globais.

De acordo com Marinho (2007), as festas tradicionais eram a Lapinha e o Zambê, além delas existiam também os Dramas que eram “óperas” apresentadas apenas por mulheres, que tinham os temas de pessoas nativas da região ou sobre o próprio lugar, em palcos armados na rua. Os primeiros registros datam de 1942. Merecem destaque mais duas manifestações culturais do município, as Lendas, que eram contadas a beira mar, e as Loas que consistiam em apresentações teatrais ou versos de louvor.

Em contraposição às festas tradicionais apresentadas por Marinho (2007), a Boate Calangos apresenta-se como principal equipamento de cultura e lazer onde se pode desfrutar dos ritmos modernos e conviver com a heterogeneidade que representa Pipa. Vale destacar que se trata de um espaço privado e dessa forma segrega o seu público alvo.

Influências idiomáticas também contribuem para a nova territorialização de Tibau do Sul, tanto na inserção de novas expressões advindas pelo *surf* como de termos citados pelos forasteiros, tais quais “Vou pra minha *house*” (E9) ou “Diga aí, *brother*” (E11). Além dessa mudança, a imitação dos sotaques também é presente, conforme retratou E7. Dessa forma, observou-se certa exaltação no idioma e sotaque do outro, considerando-o mais correto e indicando *status* social. Foi comum encontrar nas entrevistas que o turismo internacional motivou as pessoas a aprenderem outras línguas e aprenderem alguns termos que são comuns em seu cotidiano profissional.

Essas mudanças se expandiram para a gastronomia, uma vez que não havia destaque para a culinária local. As pessoas que vieram de fora é que trouxeram essa nova culinária e a mesma é importante para o destino, uma vez que se torna um atrativo turístico. É possível encontrar restaurantes com culinária internacional, destacando-se a japonesa, italiana e portuguesa.

Dessa forma, as manifestações artísticas, a degustação de pratos típicos, o conhecimento e reconhecimento de elementos que dizem respeito a pessoas e suas sensibilidades, suas normas e valores, suas emoções deve ser “um exercício de se colocar por alguns momentos na condição do outro que experimenta cotidianamente aquilo que, aos turistas, é proporcionado fortuitamente” (NEVES, 2003, p. 59).

Logo, para que o processo de reterritorialização cultural no turismo se torne um aliado da cultura é necessária uma sensibilização à interpretação e preservação dos bens culturais materiais e imateriais, bem com um planejamento adequado para que o turismo se desenvolva de forma sustentável. Não havendo distinção entre cultura superior do migrante e do turista em contraposição a cultura inferior do nativo, tal como defende Ribeiro (1986).

Considerações finais

A transformação de Tibau do Sul, e mais intensamente de Pipa, de território pesqueiro em destino turístico internacional tem sido conflituosa, perpassando por momentos de tensão, compensação, contraste, união e desunião, variando entre os extremos da frivolidade e do êxtase. Com a expansão do turismo, o território reconfigurou-se, atraindo migrantes, investidores e a atenção do poder público federal, manifestada através da inserção do município como um dos sessenta e cinco destinos indutores do Brasil.

As relações geradas a partir da reterritorialização do turismo nesse município produziram o predomínio dos interesses privados diante dos interesses da comunidade. Diante da frágil capacidade dos nativos de se auto-organizarem, seus interesses acabaram sendo direcionados pelos agentes exógenos ao lugar, fortalecendo os agentes de mercado e favorecendo o processo de desterritorialização.

Do ponto de vista econômico passou-se de uma atividade mais territorializante, representada pela pesca, para uma atividade mais desterritorializante, representada pelo turismo. A expansão do turismo se confrontou com a pesca e a agricultura de subsistência, realizada pela população tradicional local. A turistificação verificada localmente implicou a inserção de novos ofícios, mobilidade de pessoas, capital, mercadorias, ideias, cultura, valores e informações, tendo como consequência a ressignificação do sistema de objetos e de ações.

Destaca-se que o processo de territorialização desencadeado pela atividade turística tem implicações em diversas esferas da vida social local, materializada na segregação espacial, porém, seu cerne se expressa na dimensão política, na relação entre o Empresariado – marcado predominantemente por *outsiders* que possuem negócios em Pipa – e o Poder Público local – composto por *insiders* que atuam e controlam a gestão municipal.

No âmbito sociocultural, além da perda do território geográfico, há a perda de identidade, da memória do lugar, o que nem sempre é uma simples decorrência da maior mobilidade física. Observou-se que os *insiders* não resguardaram a sua cultura tradicional, suas danças, músicas e costumes foram substituídos pela modernidade e gostos dos migrantes e turistas.

Mediante esses acontecimentos, a comunidade nativa inseriu-se na atividade turística como mão-de-obra, sem muitos questionamentos frente a tal atividade ou capacidade de organização. As ações nesse âmbito partiram mais dos novos residentes do que precisamente dos locais, resultando na baixa participação da comunidade na gestão municipal. Observou-se que os nativos já foram subordinados à lógica dos agentes exógenos, mas cabe uma ressalva ao questionar se o silêncio deles não se trata de uma sutil forma de resistência.

Diante desse cenário, o migrante assume um importante papel no processo de reterritorialização. Ao se estabelecerem no destino, em sua maioria, tornaram-se empresários do turismo, como proprietários de hotéis, pousadas, bares, restaurantes e similares. Tais agentes vêm contribuindo para a consolidação do turismo em Tibau do Sul, possibilitando a atração, cada vez maior, de novos turistas e fluxos migratórios, reproduzindo processos verificados anteriormente, isto é, a chegada de turistas que posteriormente fixam moradia.

Nesse contexto, entende-se Tibau do Sul como um campo de investigação, que perpassa por processos dialéticos de (des)(re)territorialização, nos quais ficam perceptíveis as contradições resultantes dos conflitos de poder existentes na localidade.

Pode-se observar passado e presente, simbolicamente representados no território, na relação Nativo/Turista, Lapinha/*Techno*, Comércio informal/*Boulevards*, *Outsiders/Insiders*, Residente nativo/Residente migrante, Ruas de barro/ Rota do sol, Casas de pescadores/condomínios fechados. Isso significa que não se pode simplificar a questão dentro da lógica econômica, pois ela é muito ampla, envolvendo elementos políticos, culturais e simbólicos complexos. O processo de (des) reterritorialização atribuído principalmente aos *outsiders* (turismo) é muito mais complexo do que as interpretações econômicas apresentam.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura. (Org). **Território: globalização e fragmentação**. 3. ed. São Paulo: Hucitec/ ANPUR, 1996.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BONALUME, Cláudia Regina. O lazer numa proposta de desenvolvimento voltada à qualidade de vida. In: MULLER, Ademir; COSTA, Lamartine Pereira da. (Org). **Lazer e desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A natureza do espaço fragmentado. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura. (Org). **Território: globalização e fragmentação**. 3. ed. São Paulo: Hucitec/ ANPUR, 1996.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. **O turismo nos discursos, nas políticas e no combate á pobreza**. São Paulo: Annablume, 2006.

COSTA, Leopoldina Marinho da. **Passos da minha vida: memórias**. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. A produção do espaço: ponto de partida e de chegada. In: CRUZ, Rita de Cássia; SABINO, André Luiz; MOLINA, Fábio Silveira; CHAGAS, Rodolfo Pereira das. **Geografias do turismo de lugares a pseudo lugares**. São Paulo: Roca, 2007.

DIAS, Reinaldo; AGUIAR, Marina. **Fundamentos do turismo: conceitos, normas e definições**. Campinas: Alínea, 2002.

FONSECA, Maria Aparecida Pontes da. **Espaço, políticas de turismo e competitividade**. Natal: EDUFRN, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Microfísica do Poder**. 24. ed. Org. e Trad. de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2007.

FRATUCCI, Aguinaldo Cesar. **A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo: as possibilidades das redes regionais de turismo**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. **Horizontes latino-americanos do lazer = Horizontes latino-americanos del ocio**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

GONÇALVES Salete. **O turismo em jogo: a dinâmica da reterritorialização em Tibau do Sul/RN**. 2010. 155 f. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós Graduação em Turismo). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2010.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.

HALL, Colin Michael. **Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Rethinking collaboration and partnership: a public policy perspective. **Journal of Sustainable Tourism**, New Zealand, v. 7, n. 3-4, 1999.

IBGE. Dados populacionais do município de Tibau do Sul. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=24>. Acesso em: 05 maio 2011.

INPE. Catálogo de imagens Tibau do Sul/RN. Disponível em: <http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>. Acesso em: 10 abril 2010.

KNAFOU, Remy. Turismo e território: por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, Adyr A. B. (Org). **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma compreensão do lazer e das viagens**. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2001.

MARCELLINO, Nelson Carvalho de. **Políticas públicas setoriais de lazer: o papel das prefeituras**. Campinas: Associados, 1996.

MARINHO, Francisco Fernandes. **Literatura da praia da Pipa**. Natal: [s.n.], 2007.

MARINHO, Maria Segunda. **Minhas oitenta primaveras: memórias**. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

MARTINS, José Clerton de Oliveira. Homem e identidade – o patrimônio humano no desenvolvimento local e no turismo. In: CORIOLANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. (Org). **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: ABDR, 2003.

NEVES, B. A. de C. Patrimônio Cultural e Identidade. In: MARTINS, J. C. O. (org.) **Turismo, cultura e identidade**. São Paulo: Rocca, 2003.

PANOSSO NETTO, Alexandre; LOHMANN, Guilherme. **Teoria do Turismo: conceitos, modelos e sistemas**. São Paulo: Aleph, 2008.

PINTO, Leila Mirtes S. M. Inovação e avaliação: desafios para as políticas públicas de esporte e lazer. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). **Lazer, recreação e educação física**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003. p. 243-264.

RIBEIRO, Darcy. **Cultura**. Revista do Brasil, ed. especial, 1986. Disponível em: http://www.fundar.org.br/darcy_cultura_full.htm . Acesso em: 05 abr. 2009.

RITCHIE, J. R. B.; CROUCH, G. I. The competitive destination: a sustainability perspective. **Tourism Management**, n. 21, p. 1-7, 2000.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura. (Org). **Território: globalização e fragmentação**. 3. ed. São Paulo: Hucitec/ ANPUR, 1996.

TIBAU DO SUL. **Plano Diretor Participativo**. 2007.

WTO – World Tourism Organization. Indicators to Measure Sustainable Development Tourism. 7th International Forum on Tourism Statistics, 2004. Disponível em: <www.tourismforums.org/papers/PapersSelected//SD/Paper37WTO/StockholmIndicatorJune04.doc>. Acesso em: 05 maio 2008.

Endereço para correspondência

Rua Cel. Silvino Bezerra, nº 1073 – Lagoa Seca. Natal/RN.

CEP: 59031-140.

Email: salleteg@yahoo.com.br.

Recebido em:

11/02/2014

Aprovado em:

10/03/2014